

# Uma leitura acerca da Ciência da Lógica como Filosofia Primeira de Hegel

---

*A reading about the Science of Logic as a First Philosophy of Hegel*

Lucas Giovan Gomes Acosta<sup>1</sup>

**RESUMO:** A Ciência da Lógica é, propriamente falando uma Filosofia Primeira, voltada á interrogação do conhecimento, sobre o ser e suas determinações categoriais. Com a Lógica hegeliana propõe-se uma série de encadeamentos categoriais que expressão o próprio movimento do real. Sendo a Lógica um livro que trata de categorias e da forma como elas vão desenvolver-se – uma deduzida da outra – Hegel, nessa perspectiva não estaria somente fazendo um Organon no sentido aristotélico, mas um Organon diretamente acoplado a filosofia primeira, voltada para a indagação do ser, do começo do saber, e de como atribuir a existência a algo pensado. É nesse sentido que, o presente escrito tem por objetivo fazer uma análise a partir de uma indagação sobre as diferentes acepções do começo, e de como a atualidade da filosofia hegeliana ganha particular relevância.

Palavras-Chaves: Ciência da Lógica. Filosofia Primeira. Hegel

**ABSTRACT:** The Science of Logic is, properly speaking, a First Philosophy, turned to the interrogation of knowledge, about being and its categorical determinations. With the Hegelian Logic it is proposed a series of categorical threads that express the actual movement of the real. Since Logic is a book dealing with categories and how they will develop - one deduced from the other - Hegel, in this perspective would not only be making an Organon in the Aristotelian sense, but an Organon directly coupled to the first philosophy, focused on the Inquiry of being, the beginning of knowing, and how to attribute existence to something thought. It is in this sense that the present paper aims to make an analysis based on an inquiry about the different meanings of the beginning, and how the relevance of the Hegelian philosophy gains particular relevance.

Keywords: Logic Science. First Philosophy. Hegel

*A Ciência da Lógica (Wissenschaft der Logik)* “emerge” como uma resposta ao desafio lançado por Kant, a saber, a possibilidade de a metafísica constituir-se como uma ciência. A resposta de Hegel é oferecida, portanto, na *Ciência da Lógica*, à medida que busca provar que a metafísica como ciência é

---

1 Discente PPG-Filosofia PUCRS.

possível. Nessa perspectiva, este livro, é um livro sobre metafísica, sobre filosofia primeira.

*A Ciência da Lógica* é a ciência do “pensar puro” que tem por princípio o “saber puro”. Tal concepção torna-se mais clara na medida em que compreendemos que a *Lógica* começa e se desenvolve inteiramente no plano definitivamente ganho da *Fenomenologia*, isto é, no plano do saber absoluto, onde desapareceu toda a diferença entre “certeza” (subjetividade) e “verdade” (objetividade), entre “saber” como forma e “saber” como conteúdo. A *Lógica* hegeliana propõe-se a uma série de encadeamentos categoriais que expressam o próprio movimento do real. A filosofia nada mais seria senão a compreensão desse processo de autoexposição, que significa também uma autoapresentação do *absoluto*. Nesse sentido, compreendemos que *A Lógica* é o autoestruturar-se do Todo.

Na contramão do que as demais ciências propõem, a *Lógica* tem como seu objeto o pensamento conceitual; ela não pressupõe formas, regras ou leis do pensamento, pois estas fazem parte de seu conteúdo. É o conceito que constitui “seu resultado último”. Como destaca Nicolau (2010, p. 144), a *Ciência da Lógica* “[...] é uma vasta explanação sobre a natureza, origem, extensão, e formas do pensamento conceitual, em uma palavra, pensar sobre o pensamento”.

Em sua *Lógica*, logo nos primeiros parágrafos, Hegel já busca estabelecer uma diferença entre as ciências convencionais e a *ciência da lógica*. Para ele, as primeiras caracterizam-se pela separação entre objeto abordado e o método científico. Além disso, o que se segue é a de que o conteúdo dessas ciências fica dependente de outros conceitos já trabalhados e provados por outros cientistas. As ciências assim ficam restritas e reservadas a seus métodos e a falar aquilo que lhe é seu interesse. Em suas palavras:

[...] o objeto de que elas tratam e o método científico são diferentes um do outro; bem como o conteúdo também não constitui um início absoluto, mas depende de outros conceitos e está conectado com outras matérias circundantes. Portanto, concede-se a essas ciências falar de seu solo e de sua conexão,

bem como de seu método, apenas segundo lemas; aplicar tranquilamente formas de definições e [coisas] semelhantes, [formas] pressupostas como conhecidas e admitidas e servir-se do modo comum do raciocínio para o estabelecimento de seus conceitos universais e determinações fundamentais (HEGEL, 2016, p. 45).

Hegel compreende, portanto, que essas ciências ficam reservadas a falar aquilo que é de seu interesse, restando apenas a aplicar de modo “tranquilo” as estruturas preestabelecidas, por exemplo, leis do pensamento, para o seu desenvolvimento, que, o senso comum do raciocinar entende como suficiente para executar. A lógica desenvolvida pela tradição que se restringe a mera abstração incitará Hegel a propor uma reformulação:

A transformada completa que o modo de pensar filosófico tem sofrido entre nós desde aproximadamente vinte e cinco anos, o ponto de vista superior que a autoconsciência do espírito alcançou sobre si nesse período de tempo, teve até agora ainda pouca influência na configuração da lógica (HEGEL, 2016, p. 25).

Cabe aqui destacar que, o período citado por Hegel compreende o ano da publicação da edição da *Crítica da Razão Pura* de Kant. A saber, de 1787 a 1812, ano do dito primeiro prefácio da *Lógica*. Porém, para Hegel apesar dos avanços significativos de Fichte e Schelling que assumiram a filosofia crítica de Kant, a lógica ainda continuava “esvaziada”. Nesse viés, a *Lógica* emerge na busca de tentar esclarecer os conceitos fundamentais com os quais a razão precisa trabalhar.

A *Lógica* de Hegel, portanto, “[...] não pode pressupor nenhuma dessas formas da reflexão ou regras e leis do pensar [...]” (HEGEL, 2016 p. 45) já que elas são parte do conteúdo, e por isso, requer uma fundamentação mais apurada. “Não somente a indicação do método científico, mas também o próprio conceito da ciência em geral, pertencem ao seu conteúdo, e, na verdade, ele constitui seu resultado último” (idem). Assim, aprioristicamente, não se pode pressupor o que ela é ou seu objeto de estudo. Este só pode ser gerado dentro da própria investigação conceitual, ou seja, o conceito e seu objeto são

construídos simultaneamente no pensar. “[...] *o pensar conceituante* é essencialmente tratado no interior dela [da lógica]; o conceito disso gera-se em seu decurso e não pode ser presumido” (idem). Por isso, nesse primeiro momento, especificamente, na introdução da Ciência da Lógica, Hegel deixa claro que a finalidade é “[...] tornar acessível à representação, por meio de algumas elucidações e reflexões, em um sentido raciocinante e histórico, o ponto de vista a partir do qual essa ciência tem de ser considerada” (idem, pp. 45-46).

O filósofo alemão ao seguir seu argumento e análise em torno do conceito de lógica, apresenta o problema da separação dicotômica, instituído pela lógica tradicional entre *matéria* e *forma* como não pertencentes ao estudo da lógica. Pois, se compreendemos a lógica, como ciência do pensamento, e consideramos que sua preocupação assenta-se apenas na forma como esse pensamento se apresenta sem levar em consideração o conteúdo desse pensamento, essencial para a verdade, e sob esse mesmo ponto de vista, a o que considerar, sobre a *matéria*, tais proposições não podem ser inferidas pela lógica. Em suas palavras:

Se a lógica é admitida como a ciência do pensar em geral, entende-se com isso que esse pensar constitui a mera forma de um conhecimento, que a lógica se abstrai de todo conteúdo e que assim chamada segunda parte constituinte, que pertence a um conhecimento, a matéria, tem de ser dada de outro lugar, que assim, a lógica, da qual essa matéria seria total e inteiramente independente, apenas pode indicar as condições formais do conhecimento verdadeiro, mas não pode conter a própria verdade real e tampouco pode ser o caminho para a verdade real, porque justamente o essencial da verdade, o conteúdo, está fora dela (HEGEL, 2016, p.45).

De modo a refutar a tese acima, Hegel, elabora três caminhos expostos a seguir: a primeira tese consiste em problematizar a ideia de que a lógica deva abstrair-se de todo o conteúdo do pensamento e, portanto, não dedicar-se ao conteúdo. Contudo, para Hegel, o pensamento em si e as regras do pensamento são objetos da lógica e, deste modo, seu

conteúdo. Logo, a *matéria* também passa a ser parte essencial da lógica.

A segunda refutação parte da tese segundo a qual “[...] as representações sobre as quais até agora repousava o conceito da lógica, em parte, já sucumbiram [...]” (idem, p. 46). Para Hegel, as representações da lógica tradicional são insuficientes para se compreender de modo mais “elevado” a própria lógica. Para o pensador alemão, na lógica tradicional, conteúdo e forma se dão separadamente. E na construção do conhecimento a matéria já é dada previamente por ela mesma e fora do pensamento. E este, no entanto, se apresenta como vazio, mas se aproxima da matéria para dar forma ao conteúdo. Matéria e forma, juntos, resultam no conteúdo e, assim, o conhecimento do real. Hegel nos explica de modo enigmático:

[...] o objeto é algo para si consumado, acabado, que poderia dispensar perfeitamente o pensar para sua efetividade; ao contrário, o pensar seria algo deficiente, que apenas deveria se completar em uma matéria e, na verdade, como uma forma maleável e indeterminada, deveria se adequar à sua matéria. Verdade é a concordância do pensar com o objeto e, a fim de gerar essa concordância – pois ela não está presente em e para si -, o pensar deve ajustar-se e acomodar-se ao objeto (HEGEL, 2016, pp. 46-47).

Em sua terceira crítica ao conceito de lógica passada, os problemas trazidos por ele tiveram como consequência do abandono de suas diversidades à indeterminação da matéria, da forma, do objeto e do conteúdo. Na medida em que as esferas são tomadas como mais determinadas, como consequência ocorre à separação delas e o pensar fica preso a si mesmo. “E o determinar autoconsciente pertence de todo modo apenas a ele; portanto, ele não consegue também em sua relação com o objeto, sair de si em direção ao objeto: este permanece, enquanto uma coisa em si, pura e simplesmente um além do pensar” (HEGEL, 2016, p. 47).

Essa opinião de natureza fenomênica, segundo Hegel, que transfere para a razão, a relação entre sujeito e objeto, deve ser revista, pois, traz prejuízos à filosofia. A razão renuncia a si

mesma e o conceito de verdade se esvai e/ou desaparece por completo. Erros que impedem o acesso à filosofia, portanto, devem ser abandonados. “A metafísica mais antiga tinha a esse respeito um conceito mais elevado do pensar do que aquele que se tornou corrente em época recente” (idem, p. 47), ou seja, seu entendimento era menos prejudicial do que o posicionamento dos modernos. Não havia uma separação entre o pensamento e duas determinações e objeto. Eles são convergentes.

Essa metafísica considerava que o pensar e as determinações do pensar não fossem estranho aos objetos, mas antes que fosse a essência deles ou que as coisas [Dinge] e o pensar [Denken] deles [...] concordam em si e para si, que o pensar em suas determinações imanentes e a natureza verdadeira das coisas fossem o único e o mesmo conteúdo (idem, pp. 47-48).

Hegel aprofunda sua crítica e propõe um exame mais detalhado acerca do caminho que a filosofia de sua época tomou. Em seu exame, procura entender em que momento seus contemporâneos com as suas mais profundas reflexões acabaram por recuar e estacionar seu entendimento em torno da especulação fenomênica, sem atentar para o movimento dialético que visa reconhecer os conflitos que ocorrem no entendimento e superá-los.

O fundamento daquela representação tornada universal tem de ser procurado, a saber, na concepção do conflito necessário das determinações do entendimento consigo mesmo. [...] ultrapassar o imediato completo e determinar e separar o mesmo. Mas ela tem que avançar igualmente além dessas suas determinações separadoras e, de início, relacioná-las. [...] Esse relacionar da reflexão pertence em si à razão; a elevação para além daquelas determinações, que alcança a intelecção do conflito das mesmas, é o grande passo negativo para o verdadeiro conceito da razão. Mas a intelecção não realizada recai no equívoco de que é a razão que entra em contradição consigo. [...] Em vez de dar o último passo para o alto, o conhecimento, recuando do que é insatisfatório das determinações do entendimento, se refugiou na existência sensível [...] (HEGEL, 2016, p. 48).

O movimento permanece; o conhecimento não se satisfaz por ser fenomênico, mesmo que seja pressuposto para o conhecimento. É nesse momento que em uma postura crítica Hegel percebe a clara dualidade entre o conhecimento da coisa em si e o conhecimento fenomênico, onde o conhecimento da coisa mesma, ou seja, da coisa em si, não seja possível. Nesse caminho, Hegel passou a analisar e refletir a tentativa do idealismo transcendental de superar o posicionamento da filosofia crítica acerca da coisa em si. Ao mesmo tempo em que Hegel vislumbra um acerto desse idealismo transcendental ao permitir que a razão exponha suas determinações a partir de sua própria razão; todavia, ele critica o mero posicionamento subjetivo adotado que não possibilitaria se chegar ao conteúdo da verdade.

Nesse sentido destaca Jordão:

Essas posturas, da filosofia crítica e do idealismo transcendental, retiram da lógica qualquer significado metafísico. Apesar de a lógica, no estágio que se encontra não ter nenhum conteúdo “que vale como realidade e como uma questão verídica na consciência comum”, nem por isso ela é uma ciência meramente formal (2013, p. 322).

Além do mais, a falta de um conteúdo da lógica que faz dessa ciência não alcançar uma matéria que seja ela mesma um conteúdo é resultado da forma como as filosofias anteriores a compreendiam. Ou seja, ocorre uma falta de unidade que possa lhe dar sentido, por um lado, por insistência de dualidades e, por outro, pela postura subjetiva. Em uma frase, Hegel, nos explicita: “Então, não foi preciso continuar procurando por aquilo que se costuma chamar de matéria; não é culpa do objeto da lógica se ela deve ser sem conteúdo, mas apenas da maneira como o mesmo é apreendido” (p. 51).

Estabelecida a diferença entre a *Ciência da Lógica* e as demais ciências, Hegel, nos convida a pensar o conceito de definição de sua ciência e conseqüentemente abre-se a possibilidade de compreender a ciência da lógica como filosofia primeira. A pergunta “*Die Lehre vom Sein. Womit muß der Anfang der Wissenschaft gemacht werden?*” Ou seja, a pergunta “qual tem de ser o começo da ciência?”, “com o que

tem de ser feito o começo da ciência?”, pressupõe que o “começo” do ponto de vista lógico é o resultado de todo um caminho fenomenológico. A *Ciência da Lógica* pressupõe a *Fenomenologia do Espírito*. Para compreensão do conceito de ciência é preciso atentar para a *Fenomenologia do Espírito* onde Hegel conclui que o pensamento objetivo é o conteúdo da ciência pura. É a ciência da consciência em seu aparecer, consciência de si, razão, espírito, “saber absoluto” ou “saber puro”. Hegel, ao retomar os conceitos desenvolvidos na *Fenomenologia*, vislumbra o desvelar do caminho que a consciência faz ao saber absoluto, o saber absoluto é quem conceitua. “O saber absoluto é a verdade de todos os modos da consciência [...]” (HEGEL, 2016, p. 52). A razão apreendeu o pensamento como ser e o ser como pensamento. A verdade não é apenas igual à certeza, ela também possui a figura da certeza em si mesma. (cf. Hegel, 2016, p. 53).

A *Ciência da Lógica* é tributária ao desenvolvimento fenomenológico da consciência, que se realiza e concretiza na forma mais elevada de saber. Saber absoluto que interiorizou seus momentos fenomenológicos e lógicos. É nesse sentido que em diferentes momentos as categorias da consciência vieram a se desenvolver. A “ciência do pensar puro” tem por sua base “o saber puro” (cf. HEGEL, p.29), é a certeza de ter chegado à verdade; ela tem a si mesma como objeto; ela é o “Saber absoluto” em sua articulação e em seu vir-a-ser de/com as suas categorias. Seu ponto de partida o saber absoluto retira do “eu” suas significações limitadas. Esse “eu” tomado como crítica por Hegel é o “eu” da consciência, que não percorreu o caminho fenomenológico do em-si, para-si e do em-e-para-si. Contudo:

[...] mesmo se o “eu” fosse, de fato, o saber puro ou se a intuição intelectual fosse, de fato, o começo, o problema permaneceria, visto que, na ciência, nós não tratamos apenas com aquilo que estaria presente anteriormente, mas com o ser-aí que o interior tem no saber. O ser-aí do Saber absoluto é o ser-aí que incorporou toda a sua experiência de mundo, do qual ele faz parte. O aparente a si mesmo é o processo através do qual ele fez o seu percurso de constituição de si. Trata-se dessa forma de existência que configura o modo de ser do saber. “O saber parte do ser-aí”, eis a afirmação de Hegel que condensa a

problemática mesma da Ciência da Lógica (ROSENFELD, 2013, pp. 205-206).

A consciência é, ou melhor, só é plenamente, de acordo com Hegel, se conseguir chegar a ser uma consciência propriamente especulativa, ou seja, capaz de apresentar as figuras e as determinações de pensamento que fazem ser o que ela é. A *Fenomenologia do Espírito* é a apresentação e a *Ciência da Lógica* a exposição das determinações de pensamento. Essa especificidade da *Lógica* reconstrói o percurso e os momentos centrais dessas determinações de como o percurso lógico da consciência de desdobrou em seu movimento figurativo.

É nesse sentido que, Hegel, constrói sua crítica e a superação em torno dos dualismos do criticismo kantiano e do idealismo transcendental. Essa filosofia fez a lógica transformar-se em uma metafísica, dando um significado essencialmente subjetivo a suas determinações lógicas. Dentro da própria história da filosofia o conceito de lógica permanece o mesmo desde Aristóteles e “[...] se observarmos os compêndios mais recentes de lógica, as alterações consistem na maioria das vezes somente em supressões [...]” é necessária uma total reformulação, e que se leve em conta o desenvolvimento do espírito, “[...] pois um labor contínuo de dois mil anos do espírito deve ter-lhe proporcionado uma consciência mais elevada sobre seu pensar e sobre sua essencialidade pura em si mesma” (idem, p. 54). *A Ciência da Lógica*, contudo, vai “[...] apresentar as determinações lógicas do seu processo de exteriorização, cuja mediação fenomenológica, baseada na distinção entre o sujeito e o objeto, foi superada” (ROSENFELD, 2013, P. 207). A *Lógica* parte, portanto, do ser, tal como está presente no Saber absoluto. O começo é o ser em seu desenvolvimento lógico. Nesse sentido enfatiza Rosenfield (2013):

A pergunta pelo começo se insere no interior do Saber absoluto que se indaga pelo ser e por sua própria unidade conquistada, compreendida como uma espécie de rememoração lógica de seu percurso figurativo. O “saber puro” volta, desse modo, a si mesmo. As determinações lógicas, no dizer do próprio Hegel em suas anotações, estavam, por assim dizer, atrás da

consciência. Para chegar, no entanto, à sua ordenação lógica, torna-se necessário um novo tipo de saber, o da sabedoria da lógica. Ou seja, o resultado do processo fenomenológico reside no começo da ciência pura, que nos oferece uma noção depurada de ser, o que se vai tornar essência e, posteriormente, ideia (p. 208).

Para Hegel a filosofia é apresentação da coisa mesma. Esse é o trabalho dessa ciência, apresentar as determinações lógicas aí contidas. O ser releva-se como conceito, torna-se o conteúdo do saber, torna-se o seu próprio objeto. Isso se dá mediante apresentação das categorias lógicas do ser. O ser torna-se o próprio portador de seu processo lógico de constituição. É nessa perspectiva que inferimos que o começo da filosofia primeira, deve ser ele mesmo um começo absoluto. Nada podendo pressupor, a não ser aquilo que se dá como determinação de pensamento. Ela não pode ter seu início a partir de algo extrínseco a si. Pois, ele deve ser o fundamento de todo o conhecimento. O começo é então o Ser Puro.

Para tanto, faz-se necessário dar o próximo passo. A saber, repensar o próprio método da lógica. Hegel, retoma sua crítica; não há como se fazer um ciência destituída de conteúdo; assim busca problematizar o método. De modo a dar vida àquele esqueleto sem vida o filósofo enfatiza: “Para que esse esqueleto morto da lógica seja vivificado pelo espírito para um conteúdo substancial [...], seu método tem de ser aquele por meio do qual ela é unicamente capaz de ser ciência pura” (HEGEL, 2016, p. 56). A saber, a dialética.

O método dialético que em Parmênides e Platão consistia em um jogo argumentativo, em Kant, é elevado a um nível mais sofisticado; e em Hegel se caracteriza como essencial para o entendimento humano. A dialética é o único método possível para a ciência pura, para a compreensão do movimento do pensamento humano, da coisa em si e do estabelecimento da unidade da verdade. Cabe ainda ressaltar, que dentro da dialética, o elemento especulativo é o lado mais importante para a força do pensar; e significa a apreensão do contraposto em sua unidade. Logo, é o elemento mais importante e o mais difícil para o pensar

comum e destreinado. É assim que Hegel alerta para o contato com essa ciência:

O estudo dessa ciência, a estadia e o trabalho nesse reino de sombras é a formação absoluta e a disciplina da consciência. Impulsiona aí uma ocupação afastada das intuições e dos fins sensíveis, dos sentimentos e do mundo meramente opinado da representação. Considerado por seu lado negativo, essa ocupação consiste no afastamento da contingência do pensar raciocinante e da arbitrariedade de deixar vir a mente e valer essas ou aquelas razões opostas.

Mas o pensamento conquista especialmente desse modo a autonomia e a independência. Ele se familiariza com o que é abstrato e, na progressão por meio de conceitos sem substratos sensíveis, ele se torna a potência inconsciente de acolher na forma racional a multiplicidade restante dos conhecimentos e as ciências, de apreendê-las e retê-las no que tem de essencial, de afastar o exterior e, desse modo, extrair delas o lógico [...] (HEGEL, 2016, p. 62).

No exposto até o momento sobre o conceito e o lugar de justificação dessa ciência talvez já possamos vislumbrar o caminho possível de uma resposta de Hegel para o desafio lançado por Kant, o de a metafísica constituir-se como filosofia primeira. A pergunta ***“Die Lehre vom Sein. Womit muß der Anfang der Wissenschaft gemacht werden?”*** no capítulo introdutório da *Ciência da Lógica*, encontra-se agora mais clara e passível de compreensão da resposta de Hegel acerca do começo da reflexão da filosofia. Kant tem como concepção a ideia de ciência desenvolvida pelo progresso da física de Newton, sua acepção consiste “[...] não num corpo de conhecimento que abarcaria um setor particular da realidade, mas no rigor demonstrativo, na forma de sua fundação, na justificativa apresentada de conceitos perfeitamente demonstrados” (ROSENFELD, 2013, P.202). A resposta de Hegel é a de que a metafísica como ciência, como filosofia primeira é possível e está voltada para apresentação dos encadeamentos lógicos.

Com o que precisa ser feito o início da ciência? “O início da filosofia precisa ser ou algo mediado ou algo imediato e é fácil mostrar que ele não pode ser nem um nem outro; então, ambos

os modos de iniciar encontram sua refutação” (HEGEL, 2016, p. 69), Hegel se vê diante dessa aporia. Mais adiante, em especial, na segunda edição da doutrina do ser (1832), sob o viés histórico declara os dois modos distintos em que o início da filosofia veio significar. O primeiro deles diz respeito ao significado objetivo, o início é o princípio de tudo (cf. Hegel, p. 69); num segundo significado assumem-se como princípio não mais “a água, o um, o *nous*, a ideia – a substancia, a mônada etc.,” (idem), mas o “pensar, o intuir, sentir, o Eu e a própria subjetividade”. Assim se o início tem o significado objetivo de princípio, sua própria exposição do concreto aparece como subjetivo, portanto, verdadeiro.

A modernidade não consegue aceitar que a verdade é um processo objetivo pré-dado; a metafísica antiga e moderna compreende que o pensamento abstrato tem seu interesse voltado apenas pelo princípio objetivo, porém, com o progresso da formação do espírito, reconheceu-se a atividade subjetiva como momento essencial da verdade. Isso conduziu a exigência de que a apresentação se unisse ao conteúdo, a forma com o princípio. Nas palavras de Hegel

[...] o pensar anteriormente abstrato se interessa de início apenas pelo princípio como conteúdo, mas na progressão da formação está impulsionado a tentar para o outro lado, para o comportamento do conhecer, então o atuar subjetivo também é apreendido como momento essencial da verdade objetiva e engendra-se a necessidade do que o método seja unido ao conteúdo, a forma ao princípio. Assim, o princípio também deve ser o início e aquilo que é anterior [Prius] para o pensar também deve ser o primeiro no curso do pensar (2016, p. 70).

O princípio deve ser ao mesmo tempo início. O princípio objetivo é o primeiro também no sentido subjetivo, assim, o primeiro para o pensar puro, que faz de si o princípio, o primeiro no andamento do pensar. Logo, “o início é lógico, na medida em que deve ser feito no elemento do pensar que é livre para si, no saber puro” (idem, p. 71).

Hegel, portanto, compreende que o início da ciência conduz ao puro ser e, assim, apresenta e examina três formas de

justificação desse início. O primeiro deles diz respeito ao início lógico que conduz a *Fenomenologia do Espírito*. “[...] a *Fenomenologia do Espírito* é a ciência da consciência, a apresentação de que a consciência tem como resultado o conceito de ciência, isto é, o saber puro”, A sua justificação é fenomenológica, “a lógica tem, por conseguinte, com sua pressuposição a ciência do espírito [...]” (HEGEL, 2016, p. 71). A segunda justificação é sobre o próprio elemento lógico, ou seja, de que “o início tem de ser início absoluto ou, o que aqui significa o mesmo, início abstrato”. O elemento inicia absolutamente em si mesmo, não pode haver pressuposições externas, “[...] ele não tem de ser mediado por meio de nada, nem ter um fundamento; ele deve ser antes ele mesmo o fundamento da ciência inteira” (idem, p. 72). A terceira justificação conduz a justificação inerente da circularidade da *ciência da lógica*. “O essencial para ciência não é tanto que algo puramente imediato seja o início, mas que o todo da mesma seja um ciclo [*kreislauf*] dentro de si mesmo, onde o primeiro também é o ultimo e o último também é o primeiro” (p.74).

O início da ciência parte do ser puro. Este início consiste na apresentação das categorias pressupondo a suspensão da dualidade entre subjetivo e objetivo mediante o seu percurso fenomenológico; ocorre também a superação do sujeito objeto mediante a apresentação das determinações lógicas de exteriorização. O saber puro parte de um olhar retrospectivo sobre seu processo de constituição, sua reflexão parte do começo na acepção de Saber absoluto. Logo, “o começa da Lógica parte do conceito de ser, tal como está presente no Saber absoluto” (ROSENFELD, 2013, P. 207). O começo é, portanto, o ser em seu desenvolvimento lógico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: I. A doutrina do Ser**. Trad. Christian G. Iber; Marloren L. Miranda e Frederico Orsini. Petrópolis, RJ. Vozes. 2016.

JORDÃO, Marco Aurélio de Medeiros. **A Ciência da Lógica: Uma leitura Estrutural.** Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, v. 04; n° 01, 2013.

NICOLAU, Marcos Fabio Alexandre: **A Ciência da Lógica no Sistema Hegeliano.** *Kínesis*, Vol. II, n° 3, Abril-2010, p. 144-156.

ROSENFELD, Denis Lerrer. **A Ciência da Lógica de Hegel como Filosofia primeira.** Revista Ágora Filosófica. Ano 13. N° 1. Jan/Jun. 2013.

UTZ, Konrad. **O projeto da Ciência da Lógica.** *Revista eletrônica de Estudos Hegelianos*. Ano 8, n° 15, Dezembro, 2011.